REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

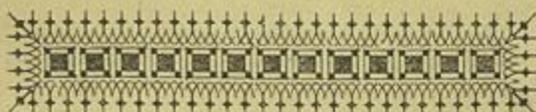
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 705

30 DE JULHO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Um incendio horroroso reduziu, ha poucos dias, a cinzas uma fabrica de distillação no Aterro.

Um dos operarios que n'ella trabalhava e que ficou muito queimado, quando se deu a explosão da caldeira, já falleceu no hospital de S. José. Outros ainda lá estão em tratamento.

Haver trabalho é uma alegria. Quanta vez se encontra a morte onde vae procurar-se a vida!

Não correm bons os tempos para os operarios.

Uma crise gravissima ameaça a classe dos trabalhadores agricolas, pois parece que a não resolver-se favoravelmente para os lavradores a questão que estes trazem pendente com o governo, muitos d'elles, e dos mais importantes, tencionam despedir os seus serviçaes, para que vão pedir trabalho ao Estado.

O problema é serio e digno de ser ponderado.

A grande entrada de farinhas e trigos exoticos, assegurando por muitos mezes as necessidades do consumo, obsta á venda dos trigos nacionaes, que por tempo egual os lavradores terão que guardar em seus celleiros.

Na reunião que se effectuou em Santarem estiveram presentes mais de seiscentos lavradores, que protestaram contra as medidas do governo. As reclamações serão apresentadas directamente a El-rei.

Diz-se que novas reuniões hão de brevemente realisar-se em Evora e Beja, capitaes de districtos importantissimos como productores de cereaes.

O capital empatado durante tantos mezes póde produzir a crise do trabalho e ninguem ha que ignore os horrores que esses dias de folga forçada trazem ás casas pobresinhas das aldeias, onde os magrissimos salarios mal chegam para o pão de cada dia.

Parece isto absurdo. — Porque os moageiros teem trigo, porque o governo tem farinhas, póde haver quem não tenha pão!

E' este com certeza um dos problemas mais graves que o governo tem agora a resolver.

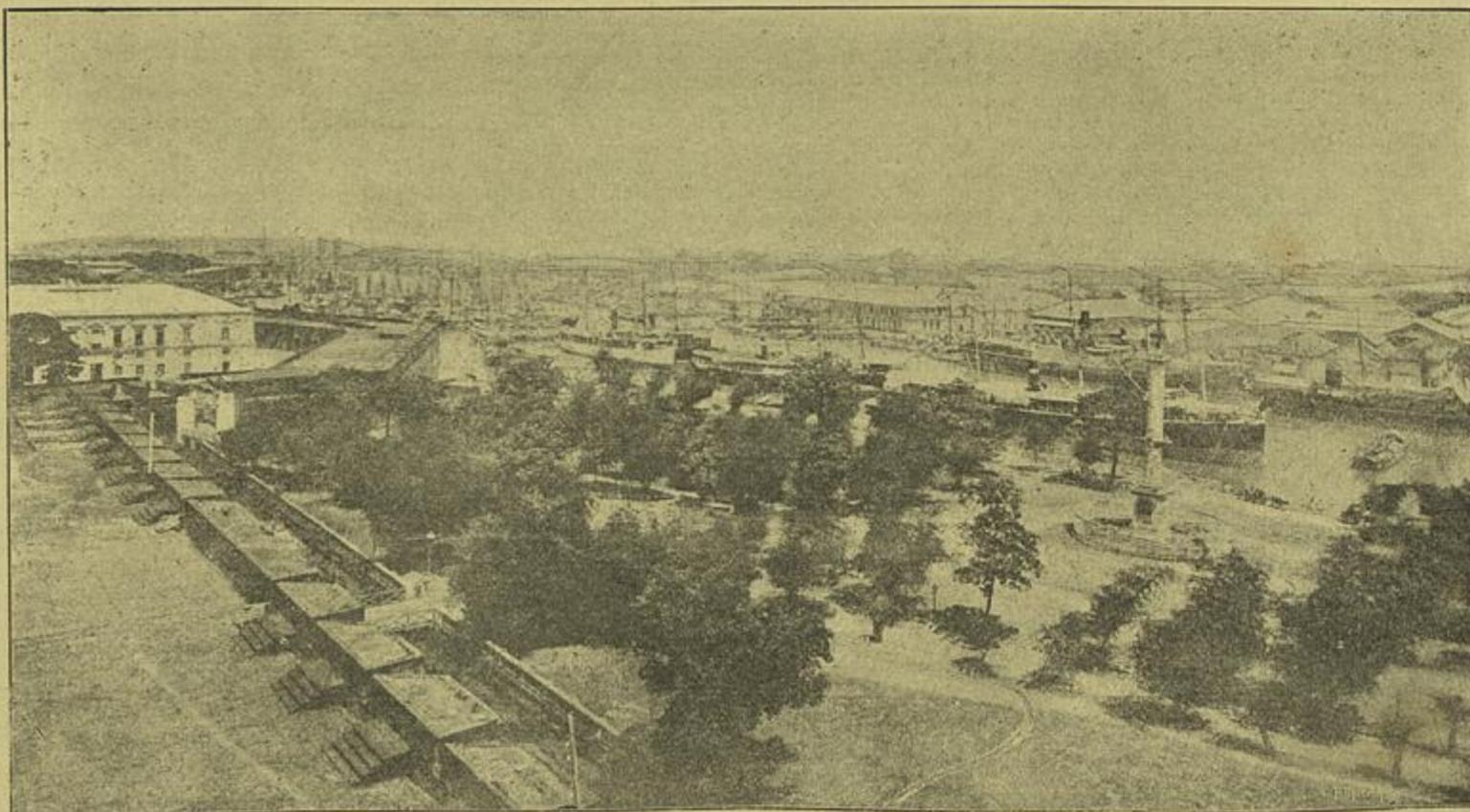
A questão parece querer azedar-se; mas é ella de tamanha seriedade, porque d'ella depende o modestissimo sustento dos mais infelizes na repartição das riquezas, que bom seria que ninguem deixasse de ser generoso, procurando, uns com mais intelligencia outros com menos irritação, a melhor solução do problema. Para soffrer não se carece de culpa; que basta apenas ser pobre.

Muito pouco se pensa nos que trabalham e teem direito á vida; porque o mundo, por emquanto, chega para todos.

Não vem talvez a proposito a comparação; mas do menor conclue-se para o maior, e a imprevidencia é sempre a mesma. Ella será causa um dia de talvez dolorosos tempos para grande parte da população dos nossos campos, elle o está sendo para grande numero de artistas.

Talvez não menos de cem familias vivam ou, pelo menos, ajudem a vida com a exploração do nosso primeiro theatro de declamação. Ha muito que se fala em reformas, programmas, sociedades. Chegaram varios jornaes a annunciarem a publicação do decreto de remodelação no Diario do Governo. Estamos nos fins de julho e nada é sabido ainda! Muitos actores que d'aquelle theatro teem vivido, alfaiates, carpinteiros, empregados de escriptorio, tinham, parece, algum direito de saber o que vae ser d'elles. Qualquer demora lhes pode ser prejudicial. Se a reforma não fôr praticavel, se houver modificações necessarias, o tempo que tudo isso levará a discutir-se, a fazer-se, obrigará a nova empreza, ou quem fôr, a inaugurar os espectaculos muito por outubro dentro.

Não se trata já d'uma questão d'arte. Ha muito

GUERRA HISPANO-AMERICANA

Thezouraria e Alfandega — Muralha — Passeio e monumento a Fernão de Magalhães

UMA VISTA DE MANILA

(Copia de photographia)

sabemos que os governos em geral teem com ella as relações cortadas. Trata se de muitos que querem trabalhar, que querem saber sob que lei vivem, que pelo seu passado e obra honesta teem direito, pelo menos, á consideração e que, ha muitos mezes, esperam uma decisão, que só por indolencia não foi tomada até hoje.

O que será do theatro de D. Maria este inverno ninguem o póde prever. Pode a reforma ser magnifica; um senão já tem: vem muito tarde, já muito em horas más.

O que será ninguem o sabe. O futuro a Deus pertence, o que não quer dizer que comparemos Nosso Senhor com o sr. José Luciano.

O inverno costuma sempre reservar surprezas e só o verão d'este anno se lembrou de lhe discutir primazias em novidades.

O grande acontec mento theatral foi a representação no theatro D. Amelia da tão justamente decantada peça de Rostand, *Cyrano de Bergerac*.

Era tal o empenho que havia em todos para assistir á primeira representação, que o theatro encheu-se completamente e os mais fecharam as portas n'essa noite.

Pois não foi porque o publico não tenha continuado a applaudir no theatro da Avenida a revista que vae de vento em pôpa, caminho das cincoenta, ou porque o *Reino das Mulheres* na Trindade já esteja com pressa de voltar á scena, porque o publico se cançasse de ver a Palmyra em tanta opereta.

Nenhum d'elles tem por emquanto razões de queixa.

Mas o *Cyrano* foi a peça que n'estes ultimos annos conseguiu o maior dos triumphos, sendo admiravelmente representada em Paris pelo mais notavel dos actores francezes.

O exito nas livrarias foi além de toda a espectativa. Nunca peça franceza se vendeu tanto em Portugal. Por sobre todas as mesas se vê um exemplar do *Cyrano de Bergerac*.

Todos conhecem ha muito a historia do poeta gascão que um nariz phenomenal desgraçara desde a nascença. Modernamente Theophilo Gautier ajudára-lhe a immortalidade cantando-o n'um dos capitulos de *Les Grotesques*. Rostand immortalisou-o por uma vez.

A peça foi muito luxuosamente posta em scena e as maiores ovações na primeira noite coroaram os esforços da sr.ª Lucinda Simões.

Da traducção encarregaram-se dois poetas, embora novos, já bem conhecidos, e dos quaes, por mais d'uma vez, n'estas chronicas nos occupámos. Julio Dantas e Manuel Penteado demonstraram com nova prova que o Antonio Ferreira tinha toda a razão em suas opiniões sobre musas e doutores.

Manuel Penteado já defendeu these na Escola Medica de Lisboa, não tardará o dia em que Julio Dantas tambem saia da Escola sobraçando o seu diploma.

Exames! Por toda parte exames! Na Universidade, nas Escolas, no Lycêo!

Que tempos estes para os pobres rapazes e quanto mais afflictivo ainda para os paes! Mas depois, quanta vez, quantas boas alegrias em casa! Quantas esperanças realisadas! Quanto applauso a esses pequeninos que vão dando, ainda inconscientemente, os primeiros passos na vida, em que uma vez hão de ser os homens!

Elles ahi estão sentados deante do professor que os interroga; e os paes sorriem, de longe, quando elles vão bem, torcem-se no banco de pinho á menor hesitação. Parecem titeres movidos pelos cordelinhos invisiveis feitos de raios de amor.

A reforma da instrucção, que foi seguramente um dos mais venturosos passos dados no caminho do Bem, veio diminuir muito o numero d'essas provas publicas, em que, tanta vez, até sem culpa dos examinadores, a injustiça campeou. Quanta vez nos collegios brigavam as notas obtidas pelo alumno durante um anno inteiro com os valores alcançados nos exames do Lycêo!

Os exames e a forma do questionario são hoje outros inteiramente. O conhecimento das intelligencias que é preciso desenvolver, e que parecia ser coisa ignorada pelos que primeiro se occuparam da instrucção secundaria, foi a base segura sobre que a reforma se fundou, a qual achou nos modernos professores defensores praticos dignos dos mais levantados elogios.

Um verdadeiro benemerito, que em poucos annos conseguiu as sympathias de quantos com elle teem tido relações, é o actual reitor do Lycêo, sr. Dr. José Maria Rodrigues.

Louvores ao sr. João Franco, que tão bem o conheceu.

Ha dias, os paes dos alumnos que frequentam aquelle estabelecimento modelo prestaram-lhe a mais terna das homenagens, offerecendo-lhe uma corôa acompanhada por uma mensagem, que foi lida pelo sr. Jayme Arthur Costa Pinto, actual presidente da Camara Municipal de Cascaes.

Creio que a essa ninguem faltou com a assignatura. Representa a gratidão de muitos corações para com um homem de bem, intelligencia clarissima, formosissimo coração. O que elle tem feito não se obtem apenas com a luz da razão clara; um alto sentimento de bondade, onde elle encontra forças para a actividade inexcedivel, rege as suas acções.

Honrando-o, os paes que tal fizeram a si se honraram, honraram o seu amor, o maior d'elles, o amor paterno.

Foi uma festa commovente, festa de corações. Alguma coisa temos pois que apresentar a estrangeiros e de que possamos gloriar-nos. O futuro, que ha de emendar alguns erros que ainda existam, provará eloquentemente em nossos filhos todas as enormes vantagens da reforma, que tantos inimigos teve.

Assim se cuida se egualmente de muita outra coisa que está bradando misericordia ou golpe de misericordia.

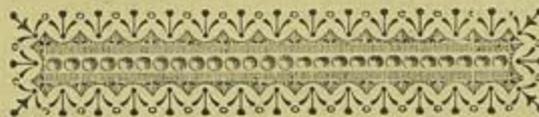
A Hespanha poderia dar um exemplo a quem tem olhos para ver. Acarretou-lhe as maiores desgraças a indifferença de seus governos. Dizem que um povo só tem o governo que merece. Será isso verdade para a Hespanha, cujos filhos demonstraram na guerra infeliz as mais altas virtudes das almas?

Continua a fallar-se na paz e novamente parece que o Imperador de Austria e o Papa tomam a peito a causa de Hespanha.

Assim seja. Fartos andamos todos de tristezas. Só mais uma nota triste: — Falleceu o general de brigada, sr. José Maria Smith Barruncho, segundo commandante da guarda municipal de Lisboa. Era um militar disciplinador e gosava das sympathias de quantos o conheceram.

Foi concorridissimo o seu funeral.

Paz á sua alma.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUERRA HISPANO-AMERICANA

Na guerra travada entre a Hespanha e os Estados Unidos da America do Norte, esta ultima potencia, enfraqueceu logo a sua competidora, com o golpe de mão sobre as Filippinas, obrigando a Hespanha a dividir as suas forças navaes e de terra, para accudir áquella sua possessão, onde aliás já de ha muito se levantara o grito de revolta contra a soberania da Hespanha, e se sustentava guerra encarniçada.

Quando a Hespanha se via a braços com a insurreição de Cuba, os tagalos aproveitaram o ensejo para se inssurreccionarem tambem, contando certamente, vencerem d'esta vez. Comtudo a revolta poude ser ainda soffocada, não sem se ter derramado muito sangue, mas a Hespanha parecia triumphar.

Estavam as coisas n'este ponto quando os negocios de Cuba se complicaram com a intervenção dos norte-americanos e a guerra se declarou.

Immediatamente os Estados-Unidos mandaram a esquadra do almirante Dewey para as Filippinas, e a derrota da esquadra hespanhola, em Cavite, na manhã de 1 de maio, deu o triumpho aos americanos.

Estes fizeram causa commum com os indigenas para combaterem as forças hespanholas, e tudo leva a crer que a perda d'esta rica possessão para a Hespanha é já um facto, como é o da perda das Antilhas

A bella cidade de Manila, uma das mais formosas do novo mundo, é a capital da ilha de Luçon ou das Filippinas. O seu bello porto é apenas defendido por um forte, onde já tremula a bandeira americana. O rio Passig, correndo por entre a ilha, devide a cidade ao meio. Os seus habitantes elevam-se a 140:000, devididos por doze bairros; é importante o movimento commercial de Manila, o que fez d'ella uma cidade opolenta, com bellos edificios, ruas e praças, sendo para notar o formoso passeio onde se ergue o monumento a Fernão de Magalhães descobridor das Filippinas.

Desde 1577 que os hespanhoes occuparam aquella ilha, a qual foi tomada pelos inglezes em 1762 e estes a cederam depois por vinte e cinco milhões. A natureza vulcanica d'esta ilha tem-a feito soffrer varios terremotos desde os annos de 1645 a 1824, de modo que a maior parte dos seus edificios são de construcção moderna.

Os hespanhoes querendo submetter os indigenas, curaram pouco dos seus costumes e religião e antes os tem querido converter á fé christã para o que deram ali largo desenvolvimento ás ordens monasticas, e é assim que uma boa parte da ilha está occupada por casas religiosas. Infelizmente, este systema de occupação vê-se que não deu grande resultado para os hespanhoes, porque os indigenas tem-se conservado no estado primitivo, insurgindo-se a cada momento contra a soberania da Hespanha e não perdendo occasião, como agora, de reconquistarem a sua independencia.

São differentes as raças indigenas do archipelago Filippino, as principaes, porém, são os negritos, os malayos, os indios e os mouros. Estas raças variam de nome conforme as regiões que occupam; assim encontram-se em Ilocos Norte e Ilocos Sul, os igorrotes que tambem se chamam tinguianes, na provincia de Abra. Tambem se designa como paiz dos igorrotes os districtos de Lepanto, Bontoé, Tiagan e Bounguel, e uma boa parte de outras provincias limitrophes, como a Isabela, Nova Vizcaya, ambos Ilocos e a União.

Estes indigenas vivem, por assim dizer, no estado selvagem, e para isso basta observar o seu trage primitivo, e saber-se que alguns são antropophagos, como os que as nossas gravuras mostram.

São estes habitantes das Filippinas que se insurgem contra o dominio da Hespanha e com quem os norte-americanos fazem causa commum.

EMBRULHADAS

Por desembaraçar essa meada, vê lá em que meada te mettes! Deixa o nó cego da linha, não vás dar na vida um nó cego. Não deixes n'essa linha o coração, que talvez ella seja linha de pesca. Um riso de labios lindos, um olhar d'olhos que matam não sejam engodo aos teus vinte annos, escondendo um anzol traiçoeiro e cruel. Encontram-se as mãos, cruzam-se os olhares, confundem-se as respirações

Deixa as linhas embrulhadas e não embrulhes a vida.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

XIX

(Concluido do n.º 702)

Dia de jubilo para alguns e de tristeza para muitos foi o da chegada da *Victoria* a S. Lucar de Barrameda. Os que se regosijavam por ver chegar os que lhe pertenciam mal, acalmavam os lamentos das viuvas, das mães ou das irmãs, que debalde procuravam entre os recemchegados, os maridos, os filhos ou os irmãos.

Eram tão poucos os que voltavam e tantos os que haviam partido!

Que de sacrificios não custara aquella viagem; que de vidas immoladas á civilização, desde a do chefe da frota até a do mais obscuro marinheiro!

Entretanto a noticia do regresso espalhava-se por toda a Hespanha, levando a admiração e o espanto á gente, por aquelles ousados navegadores.

Carlos V, que chegara da Allemanha, ao saber a boa nova, escrevia a Sebastião de Elcano ordenando-lhe que fosse á sua presença a contar-lhe da viagem: «E quero, dizia, que me informeis mui particularmente da viagem que haveis feito, e do que n'ella succedeu, e vos mando que, logo que esta vejais, tomeis duas pessoas das que comvosco vieram, das mais cordatas e de melhor razão, e vos partais

com ellas para onde eu estiver, que por este correio escrevo aos officiaes da Casa de Contractação das Indias, que vos vistam e vos assistam com todo o necessario a vós e ás ditas duas pessoas». [1]

Sebastião de Elcano apressou-se a ir á presença de Carlos V, que estava em Sevilha, e fez-se acompanhar de Pigafetta, o qual apresentou ao imperador um livro manuscripto, relatando dia a dia a viagem de circumnavegação.

Carlos V ficou maravilhado e encheu de honras e pensões Sebastião de Elcano, mais afortunado que Fernão de Magalhães a quem essas honras e pensões deviam pertencer. Ao piloto hespanhol concedeu Carlos V a pensão annual de 500 ducados de ouro, auctorisação para se acompanhar sempre de dois homens armados, e um brazão de armas quartelado. representando scenas da viagem, e tendo por timbre um globo com a inscripção: *Primus circumdidiste me.*

Eram o brazão e timbre que deviam pertencer a Fernão de Magalhães, que tão infeliz foi que nem sequer o pôde legar a seus descendentes, como era seu desejo.

O filho e esposa de Magalhães pouco sobreviveram ao grande capitão, pois que o primeiro morreu em 1521 e a segunda um anno depois; e o mesmo succedeu a Diogo Barbosa, seu sogro, e mais parentes, que poucos annos se lograram, desapparecendo assim no tumulo os poucos herdeiros do grande navegador.

A fortuna vária, não deixou pois a Magalhães gosar os fructos da sua gloriosa empresa; outro colheu os louros e os brazões de tal feito; mas não é o nome d'este afortunado que a historia commemora; não é a Sebastião de Elcano que a sciencia venera e agradece os beneficios que lhe legou, e sim a Fernão de Magalhães, porque foi elle que lidou para obter os navios em que devia fazer a travessia dos mares, e com que custo o conseguiu elle! Foi Magalhães que dirigiu os mareantes e os reduziu á obediencia tantas vezes quantas contra elle tentaram revoltar-se; foi elle que affrontou a resistencia dos homens e a furia dos elementos; que, zombou das tempestades e jogou a vida quando todos e tudo conspirava contra ella, e levou avante a sua idéa, incutindo animo quando todos desfalleciam, e assim chegou ao fim circumnavegando os mares, passando de um mar ao outro, sem outro guia que os seus proprios calculos, deixando ao mundo aberta a passagem para o mar do sul, passagem que nenhum navegador antes d'elle lograra encontrar.

É de Fernão de Magalhães a gloria; foi este portuguez que deixou o nome seu memorado nos mares do novo mundo, como nas cartas geographicas está gravado; e não bastando isto, o nome do grande portuguez elevou-se ao espaço infinito e com elle marcou nos ares duas bellas nebulosas que são conhecidas por nuvens de Magalhães.

Duradoura gloria esta que viverá tanto como o mundo. Nós mares e nos céos o nome de Fernão de Magalhães!

Diz John Herschel, em uma carta datada do Cabo da Boa Esperança, em 13 de junho de 1836: [1] «As nuvens de Magalhães, *nubecula major* e *nubecula minor*, são muito notaveis. A maior compõe-se de acervos estellares irregularmente dispostos, de outros acervos esphericos e de estrellas nebulosas entremeadas de nebulosas irreductiveis. Estas ultimas parecem formadas por uma poeira estellar. O proprio telescopio de 20 pés não tem bastante poder para as revelar estrellas.

«Aquellas nebulosas produzem uma claridade geral que illumina o espaço da visão e estabelece um fundo esplendoroso em que se distingue tudo que n'elle está disseminado. Nenhuma outra região celeste junta tantas nebulosas e acervos estellares em egual espaço.

«A *nubecula minor* é menos formosa; offerece numero maior de nebulosidades irreductiveis, e os acervos estellares que se vêem são mais escassos e menos brilhantes.»

A. de Humboldt, falando d'estas nuvens, diz [2] das duas nuvens de Magalhães que giram em volta do polo austral, d'este polo tão despovoado de estrellas que podia chamar-se uma região devastada, a maior, principalmente, parece, conforme investigações modernas, uma quantiosa accumulação de acervos esphericos de estrellas de maior ou menor grandeza e de nebulosidades irreductiveis. O aspecto d'estas nuvens, a esplendorosa constellação do navio Argos, a via lactea que se vai dilatando entre o Scorpião, o Centauro, e o Cruzeiro tambem, não tenho duvida em dizel-o, o aspecto pittoresco de todo o céo austral produziu em minha alma uma inolvidavel impressão.»

André Corsali fala da existencia d'estas nuvens, na sua *Viagem a Cochim*, e Pedro Martyr de Anghiera tambem, no seu livro *De Rebus Oceanicis et Orbe Novo*; o illustre secretario de D. Fernando de Aragão attribuindo aos portuguezes o descobrimento d'estas nuvens diz: Assecuti sunt portucalenses alterius poli gradum quinquagesimum amplius ubi punctum circumeuntes *quas dam nubeculas* licet intueri veluti in lactea via sparsos fulgores per universi cœli globum intra spatii latitudinem. [3]

Ao nome de nuvens do cabo, por que as conheceram os pilotos portuguezes, primeiro que os hollandezes e dinamarquezes, prevaleceu o nome de Magalhães, com que a sciencia as designou, e n'isto vai honra á memoria do arrojado navegador portuguez que, não tendo a fortuna de receber em vida o premio do extraordinario descobrimento, teve a invejavel gloria de deixar o seu nome gravado nos mares e nos céos, como os deuses da Mythologia.

D'estes conta a fabula, mas d'aquelle fala a historia humana.

É bom accordar estas glorias que, sendo de um homem, são da humanidade em geral e d'este velho e glorioso paiz em especial, porque Fernão de Magalhães era portuguez.

CAETANO ALBERTO.

(1) *Coleccion de documentos inéditos para la historia de España*, tom. 1, p. 247.

(1) *Cosmos* T. I pag. 451.
(2) Obra citada.
(3) *Oceanica*. Dec III lib. I, pag. 217, por Pedro Martyr de Anghiera.

ALBUQUERQUE EM GOA

«Il ouvrit véritablement à l'Europe ce monde mystérieux des Indes».

LOUIS VEUILLOT.

Vasco da Gama tinha demonstrado ao mundo com a alta eloquencia dos factos consummados que havia um caminho para a India, não sujeito á contingencia dos monopolios e aos riscos das caravanas.

Todavia, ter ido por mar do Tejo até Calecut, significava pouca cousa se apenas se limitasse a isso o empenho dos portuguezes.

No numero d'aquelles, cujas aspirações visavam obra mais solida e perduravel figura Affonso d'Albuquerque.

A sua estatura é de tal ordem, que só admitte comparação com a dos vultos de celebrada proeminencia nas idades famosas.

Elle comprehendeu, n'um olhar de aguia, quanto era mister levar a effeito para honra da sua patria e em beneficio da sua religião.

A posição de Goa, impressionou-lhe os sentidos e determinou-o á sua posse.

Estava situada esta cidade na costa occidental do Indostão, na ilha do seu nome, no mar d'Oman e foz do Mandovy.

D'ella se diz no diccionario de Peuchet, que foi «la clef de tout le commerce de l'Orient, la première foire des Indes et une des plus fameuses et des plus opulentes villes du monde».

Goa foi tomada duas vezes pelo grande Albuquerque.

Vou pois dar um resumo do acontecido, e seguirei, transcrevendo algumas passagens, um capitulo notavel do livro *Goa Antiga e Moderna* do meu particular e erudito amigo Diniz d'Ayalla, nascido na decantada possessão portugueza.

«A 10 de fevereiro de 1510, escreve o distincto litterato, parte Albuquerque de Cochim com o proposito de ir a Socotorá e ahi juntar-se a Duarte Lemos e depois irem ao mar Roxo ao encontro da armada do Soldão No porto de Mergeu lhe veiu ao encontro Timoja persuadil-o a que desistisse do seu intento e aconselhal-o a que tomasse Goa, visto o Sabayo estar ausente da cidade e a população muito descontente com as tyrannias do capitão Melique Çufergugi. Aplanadas as divergencias de alguns capitães concertou-se partir para Goa: Melique Çufecondal, antigo capitão do Sabayo ao serviço de Timoja, iria com 2:000 homens por terra e Albuquerque por mar. A' chegada da gente de Timoja, o inimigo evacua a fortaleza de Cintacorá, que foi logo arrasada pelo nosso alliado, e a 28 de fevereiro surge a armada portugueza na barra de Goa.

A manhã raiou auspiciosa para as armas portuguezas.

D. Antonio de Noronha, Jeronymo Teixeira, Garcia de Sousa, Jorge da Silveira e Diogo Fernandez de Beja em fustas, e Timoja com os seus, sobem o Mandovy. A fortaleza de Pangim (hoje palacio do governador) defendida por Iassuf Gurji rompe o fogo. D. Antonio de Noronha, habil e valente capitão, vendo que as balas inimigas os não poderiam molestar se se acercassem da fortaleza, manda remar para a praia. Os marinheiros desembarcam e escalam a fortaleza pela banda do rio. O inimigo assombrado de tal arrojo, deixa D. Antonio victorioso e retira sobre a cidade.

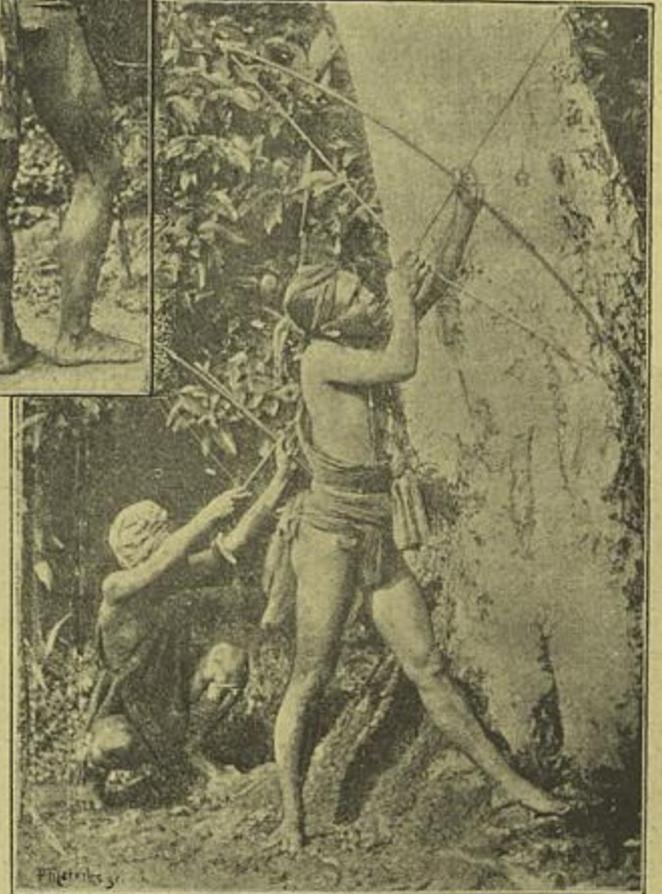
Do outro lado de Pangim, proximamente onde hoje está a egreja da Penha de França, havia um baluarte para onde foi mandado Timoja, que o achou evacuado.

GUERRA HISPANO-AMERICANA

Igorrote antropophago

Tinguian de Nova Écija

Tinguianes de Nova Écija

Igorrotes antropophagos de Caraballo

Tinguianes do Abra

INDIGENAS DAS FILIPPINAS

Apesar de uma tão fraca resistencia, Albuquerque não quiz subir o rio sem mandar D. Antonio estudar a posição interior do inimigo. Desce então o Mandovy um parão com dois mouros, principaes da cidade, que vinham em nome do povo capitular e entrar em negociações de paz. Albuquerque exige a entrega dos turcos e vai juntar-se a D. Antonio defronte da cidade com o grosso da armada. O inimigo oppõe difficuldades em infringir a lei da hospitalidade; Albuquerque recalcitra e ameaça os emissarios de tomar a cidade de Goa no dia seguinte. Garcia de Sousa e D. Jeronymo de Lima guardaram toda a noite a porta do mar; mas os mouros, capitaneados por Meliqui Çufegurgi, abandonam a cidade e fogem pelo Passo de Gandaulim».

Semelhante resolução, que os nossos não esperavam talvez, teve como coroa a entrada de Affonso d'Albuquerque n'aquella verdadeira joia cobiçada, no primeiro ou no segundo dia do mez de março.

E d'esta maneira, concluira um dos actos do drama cujo theatro era Goa.

O soberano de Goa, Hidalcão, não pudéra soc-

correr a sua cidade, por andar ao tempo em lucta aberta com o rei de Narsinga.

Logo porém, que chegou ao seu conhecimento a noticia do desastre, e que se viu mais desembaraçado, apressou-se em marchar contra os intrusos.

Estes consumiram em preparativos de defeza todo o resto de março e o abril seguinte.

No 1.º de maio as forças do Hidalcão tinham posto bloqueio em parte da ilha. Desde esta data até 16 d'agosto, pode quasi affirmar-se não ter findado um só dia sem que as violencias das hostilidades lhe assignalassem o decurso. Não faltou bravura aos subordinados do *terribil*, nem a este escasseou o genio heroico e temerario; mas a superioridade invencivel do numero estava do lado dos contrarios e os portuguezes já não nutriam esperança de melhor sorte.

«Depois de varias outras peripecias, como a da morte de D. Antonio de Noronha n'um reconhecimento que foi fazer pelo rio; do assalto a uma ilha (de Chorão provavelmente) para se proverem de mantimentos, accrescenta Ayalla á narrativa dos horrores a que deu occasião o ataque do Hidalcão, Albuquerque depois de tres mezes das mais crueis provações, deixa o surgidouro de Goa a 16 d'agosto para em breve vir cumprir a promessa que tinha feito ao Hidalcão — de vir retomar Goa».

Com effeito, logo em setembro, tendo reunido conselho entre os seus capitães, concertou irrevogavelmente o plano de não consentir embargos á sua palavra. Dias depois, sahiu de Cochim á frente d'uma expedição, que se compunha de 23 velas, 2.000 portuguezes e 200 malabares.

Foi com tão diminuta força, que elle se propoz arrancar a anhelada presa das mãos dos seus poderosos senhores.

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA — *Vid. artigo «Memorias Litterarias»*

O dia 25 de novembro d'aquelle alludido anno de 1510, ficou memoravel nos fastos militares da India.

«Logo pela manhã cedo d'esse dia, diz-nos Ayalla, Albuquerque no *esquife* da nau capitanea, com 150 marinheiros escolhidos, que o seguiam n'um *parão*, dispunha as hostes combatentes. Iam romper o combate tres flotilhas: Manuel da Cunha, Manuel Lacerda, D. João de Lima, D. Jeronymo de Lima, Gaspar de Paiva, Gaspar Cão, Fernão Feyo e Pero Dafonseca deviam atacar as estancias de ao pé da fortaleza; Diogo de Vasconcellos, Balthazar da Silva, Diniz Cerniche, Pero Coresma, Ruy de Brito Pantalim e Jorge Nunes de Leão combatiam as estancias mais para baixo, onde estavam varadas as naus, e Albuquerque em pessoa, depois de ter mandado cortar pelo mestre Diniz Fernandes as tranqueiras que defendiam o forte de Mandovim, junto á alfandega, iria, no momento do ultimo assalto, occupar uma especie de plataforma ao centro da linha da operação, a fim de que o inimigo batido pelos flancos não podesse retirar para dentro da cidade».

O terreno foi disputado palmo a palmo com todo o ardor da peleja em paizes orientaes, e até mesmo com a vehemencia encarniçada que imprime o fanatismo religioso no caracter dos individuos.

Estrugiam os pellouros e as bombardas, vomitando chammas e espalhando a morte.

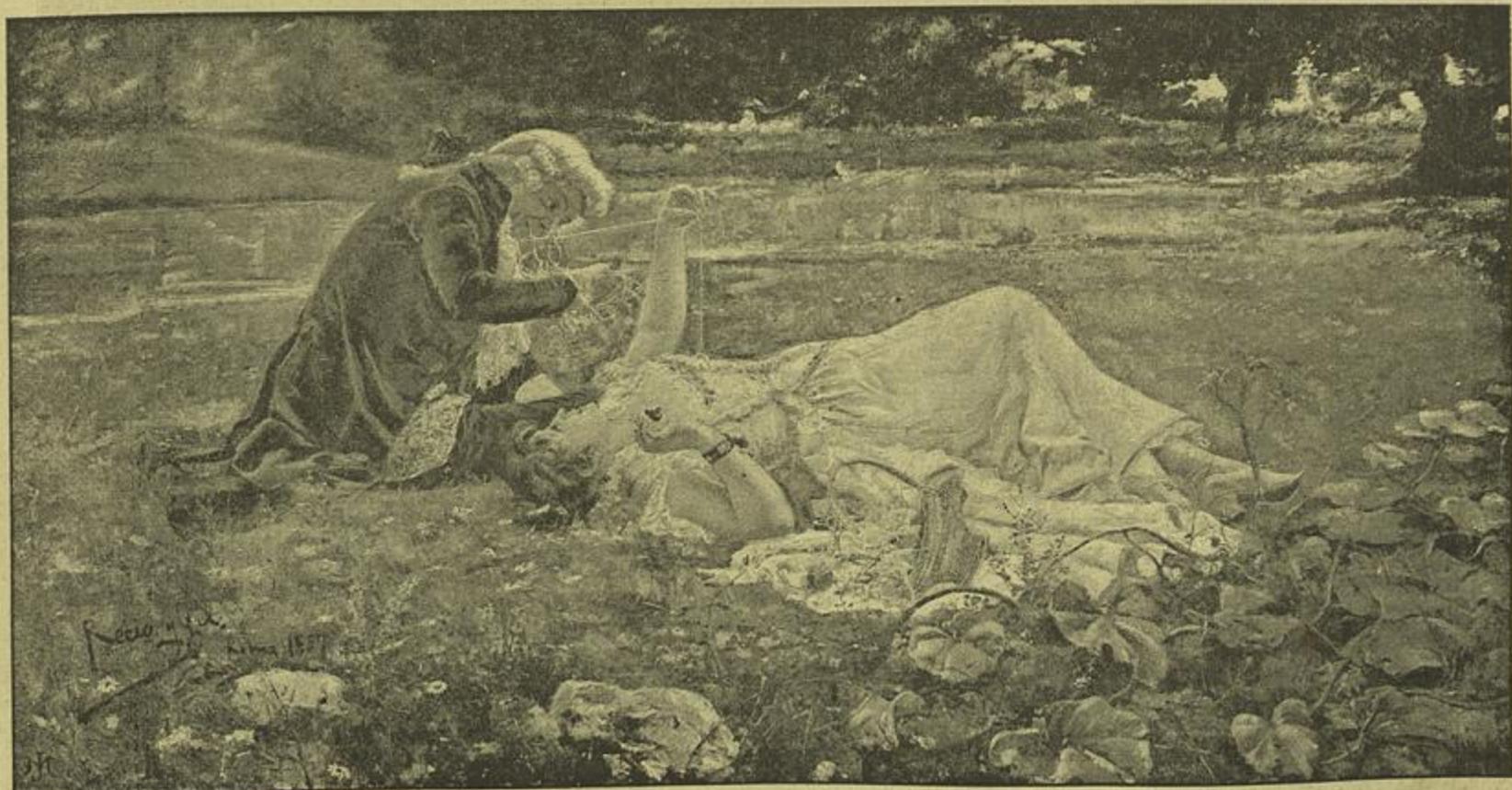
A gente do Hidalcão invocava no seu delirio suprêmo ante a impotencia de repellir com vantagem segura os soldados d'Albuquerque, o auxilio do seu deus Allah. Jogavam comtudo uns e outros a ultima cartada. Se os defensores de Goa, insistiam pressurosos na conservação da sua propriedade, que o tempo consagrára, não desistia do intento o heroe portuguez, cuja firmeza intemerata e presença prestigiosa fazia redobrar de intensidade o valor e a constancia de quantos obedeciam ao seu commando.

Devem gravar-se na memoria das gerações portuguezas estas palavras dirigidas a Manuel de Lacerda por Affonso d'Albuquerque:

«Senhor Manuel de Lacerda, confesso-vos que vos hei grande inveja, e assi vo-la houvera o grande Alexandre, se aqui estivera, porque estais assi mais galante».

Fôra o caso que Lacerda, tendo feito pelo seu arrojo incomparavel decidir finalmente a fortuna a declarar-se em favor dos nossos, recebera não obstante ferimentos graves, e Albuquerque viralhe o rosto atravessado por uma seta.

Goa, pertencia-nos sem remissão nem aggravo, a bandeira das quinas fluctuava ao sabor das bri-

EMBRULHADAS

sas embalsamadas que vinham suavisar a sua temperatura calida, e o homem que se não deixara enleiar pela grandeza dos perigos e pela temeridade da empreza, realmente colossal, podia agora tranquillo render graças ao Deus da sua patria no mais fundo da sua consciencia.

D. Francisco de Noronha.

MEMORIAS LITERÁRIAS

SEBASTIÃO FERREIRA DA CUNHA

VI

Chama-se a *Sultana Infiel* o quarto canto, cujo argumento encerra a scêna capital entre Lindaraxa e Boabdil, que a procurava já anciôso e tôrvo, á hora da entrevista; e acaba pelos projectos da fuga, que a infiel concebêra, ao votar-se a Padilla.

Depôis de passar em revista o passado e o presente, com palavras de amargura, exclama o desgraçado sultão:

Lindaraxa, onde estás? onde te escondes, filha?
As trevas vão passando, a aurora chega, e brilha
Com suavissima luz!
Ha quanto tempo aqui te espero, e te procuro,
Debalde, nos salões, no *Alberca* triste e escuro,
E no ceu andaluz!

Onde jazes, querida? Acaso me atraiçoas,
Moira infiel, que estimo e adoro mais que as c'roas
E que o scetro real?
Se assim for, ámanhã, neste marmoreo solo,
Rolará, decepado, o teu formoso colo
Aos golpes de um punhal.

Abre-se porta misteriosa, e Lindaraxa entra deslumbrante de belléza e de inimitavel fingimento. O sultão ameaça, troveja e ouve vacilante as queixas e as desculpas artificiosas daquella feiticeira mulher, e acaba por enternecêr-se e pedir-lhe perdão.

Boabdil tremeu. Era escusado tanto.
Contra o peito a estreitou, bebeu sôfrego o pranto
Dessa mulher gentil.
— Adoro mais que nunca o teu formoso busto —
Exclamou — como a rosa o orvalho e como o arbusto
As virações de abril.

Tudo estava consumado. Lindaraxa, a astuciosa e bella sultana, ia cumprir o que prometêra, entregando a Alhambra sem peleja, por traição própria; e convencia o rei a que, dias depôis, fôsse entregar as chaves ao acampamento christão, pâra... que pérfida! pâra *ir vivêr com ella* em sitio retirado, onde ambos só gozassem as delícias do amôr num encantamento de mútua felicidade!

— Quem me dera, senhôr, que só p'ra mim vivesseis,
Que os cuidados da corte e as luctas esquecesseis,
Um momento sequer!
Assusta-me o canhão, que estoira pelos ares
Afflige-me o estridor dos brados militares...
Sou fraca... sou mulher!
. . . .
— Venceste, Lindaraxa! As aves de rapina
Cortarão com seu vôo a pálida bonina,
Nascida em teu jardim.
Prepara o teu bragal, as joias arrecada
Anda comigo, vem, mulher idolatrada!
Sou teu, somente, emfim!

A treda entretanto ia preparar o bragal e reunir as suas joias e tezôiros pâra uma cruel palinódia, pâra desamparar o desventurado, a quem nada restaria brevemente, nem guarida, nem mulher.

E, ao sair dos seus aposentos doirados, dizia a seductôra e seduzida amada de Cesar de Padilla:

— Fica te em paz, Alhambra, ó *rubida cidade!* —
Exclamou — Levo o amor, mas deixo te a saudade
De um tempo, que passou.
E comprimindo o seio, ardente qual cratera,
Uma lagrima, então, e essa talvez sincera,
Nos olhos lhe brilhou.

E com isto acaba êste dificil retalho do poema, o qual se póde considerar pelo assumpto a sombra necessária ao tracejamento da luz, tambem circunscripto a estreitos limites, como a parte antecedente, mâs por egual fiel e característico na sua relatividade com o mêsmo assumpto, que é mais elevado e mênos poético.

* * *

Passêmos ao seguinte quadro — *Fernando e Isabel* — que titulam o quinto e penúltimo canto.

Amanhece o dia seguinte, primeiro de janeiro, dia de anno bom. Estabelece se o scenário no acampamento dos reis cathólicos; dão-se uns traços vigorosos do tíbio carácter do rei Fernando e da enérgica atitude de Izabel, a quem principalmente se devem os assinalados impulsos de guerras e conquistas.

Fallam ambos do demorado cêrco de Granada, que se não rendia, e do relaxamento da soldadêsca, que se entregava não aos labôres da campanha mâs aos amôres das mulheres mauritanas.

A certo ponto da conversa, a rainha exclama:

— Mas dizei me, Fernando: então nossos soldados
Andam soltando, á noite, os cantos namorados
A's jovens infieis?
— Peor, muito peor; saltam da Alhambra os muros,
E vão beber o amor nos olhos seus escuros...
Soldados e anadeis.

«E' certo, esposa minha, é certo, infelizmente!
Ainda, a noite passada, um bravo adolescente
Leal entre os leaes,
Dormiu fora da tenda A punição o aguarda.
Foi Cesar de Padilla, o capitão da guarda
Dos anadeis reaes.

Izabel defende o grande valôr do ousado mancêbo, tenta desculpal-o perante o marido, e não acredita no que ouve, porque o passado de D. Cesar é uma brilhante prova de fidelidade e honra.

— Oh! quem m'o dera aqui! — exclama por fim.

— Um fidalgo hespanhol, quando a rainha o chama,
Levanta-se da mesa, ou ergue-se da cama,
Empunha a espada, e vem »
Disse o joven Padilha entrando neste instante,
E curvando a cabeça, em mesura galante,
De cortezão, tambem.

E confessa lealmente os seus amôres, e protesta por êlles, por êsses amôres, que são toda a sua vida presente, promete, e jura que ha de trazér a Alhambra, sem trabalho, nem batalha ao podêr dos reis cathólicos.

Estes não crêem no que ouvem.

— Pois bem — disse o anadel — uma proposta! ouvi a:
Se essa Alhambra infiel vossa não for no dia,
Em que vos falei já,
Um cadafalso erguei, morte que tanto humilha!
E um fidalgo hespanhol, sim, o ú timo Padilla
Nelle sucumbirá.

Se porêm cumprir o prometido, se a *Cidade Vermelha* vier ao podêr hespanhol, segundo êlle afirma, a môira será sua mulher, e os reis católicos padrinhos da bôda.

— Por Deus! — disse Izabel — sendo assim, tua esposa
Lindaraxa será, e noiva tão formosa
Levarei ao altar;
E finda a cerimonia, e em minha corte entrando,
Grandes honras tereis, ficar-vos eis chamando
Marquezês de Gueltar.»

— Cumprirei! — disse o moço; e saiu respeitoso
Do pavilhão real, levando estranho goso
No rosto juvenil
Um momento depois .. successo extraordinario!
Junto á porta assomou da tenda um emissario
Do rei Boabdil!

Triumfavam as promessas do anadel e a suprêma perfidia da bella Lindaraxa.

Boabdil escrevia a requerêr a paz, e a capitular, pedindo indulgencia pâra as reliquias dos seus antepassados e pâra os vencidos guerreiros do Islan.

A missiva pungente entristeceu o coração de Izabel.

Quando acabou de ler, a piedosa rainha
Levantou para o céu os olhos, onde tinha
O pranto a borbulhar;
Depois ajoelhou; o rei seguiu lhe o exemplo;
E a tenda transformou-se em solitário templo,
Tendo a cruz por altar.

A alma christianíssima do imaginôso e suave poeta chorou tambem, e tôda se povoou de sentimentos piedosos, ao desprendêr de si os lineamentos desta scêna de tão pujante e desencontrado colorido.

* * *

Absorvidos e fascisnados por uma leitura constante, rendilhada e ardente como a *Cidade Vermelha*, chegâmos finalmente ao têrmo tão pouco almejado, á *Conclusão*, que assim se chama modestamente o sexto e último canto.

É tão curta como estonteante a descripção da marcha triumfal dos vencedôres.

Amanheceu o dia 6 de janeiro, dia da obediencia dos magos de Bethlem; e a marcha de novos magos se percebe a distancia, e vem ao encontro do régio cortêjo, que se dirige fremitôso pâra o sitio conquistado.

Dom Fernando, Izabel, a côrte e os prelados
De Toledo e Sevilha, Agila e Calaôr
Avançam sôbre a Alhambra, e canticos sagrados
Reboam pelo espaço ao Christo vencedôr.

Dos prêsos hespanhoes, apanhados nas refregas, dá-se esta hercúlea e trovejante idêa, em simples quatro versos:

Cativos hespanhoes revolvem-se no estrado
Das masmorras, soltando um grito triumphal,
Setecentos leões, que um caçadôr ousado
Largo tempo encerrara em jaula collossal.

Pâra o magno triumfo, pâra a commemoração de tão memorando dia, era precisa tóda a reverencia de um grande passado.

E eil-a expressa tambem numa só quadra:

A luta finda está, a luta heroica e longa,
Entre o falso Profeta e o verdadeiro Deus;
E o espectro de Pelaio, em pé no Covadonga,
Bate as palmas, e diz: — Vencestes, netos meus!»

Que valente, conceituosa e palpitante concisão!

E digam-nos que o escrevêr dêste modo não denuncia a palhêta de um assinalado artista e o cantar de um grande poeta?

O portadôr da carta, endereçada aos reis cathólicos fôra o próprio filho do môiro de Granada; e, como ficara de refem ao cumprimento do que no escrito se dizia, acompanhava o triumfante préstito, desfazendo-se em lágrimas.

A rainha consolou-o, e abraçou-o. D'ahi a pouco parava o cortêjo diante de Boabdil, que vinha seguido de sua côrte entregar as chaves aos vencedôres, e que um tanto curvado ao pêso da sua dôr, como no conhecido quadro de Pradilla se vê em côres fieis e scintillantes, parou o seu cavallo, e intervalladamente, entre soluços, começou a falar desta maneira:

— Somos vossos, senhor. Entrae, rei invencivel!
Eis da *rubra cidade* a chave e os corucheus.
Sê feliz, dom Fernando! A luta era impossivel
Entre a cruz e o crescente Ó minha Alhambra, adeus!

E nessa apóstrofe magnífica á sua triste sorte, e numa invocação a Alah, termina o acto da sua rendição, e afasta se, limpando as lágrimas á manga do albornoz.

Entretanto soam as exclamações e os canticos sagrados, e a cruz ergue-se ovante nos mais elevados corucheus da Alhambra.

A rainha depôis começa a distribuir mercês a fidalgos e guerreiros.

Nisto abre-se uma porta subitamente, e D. Cesar de Padilla, trajando de grande gala, aparece conduzindo pela mão uma gentil mulher, acerca-se do doirado sólio, e ajoelha deante dos monarchas, recordando-lhes que aquêlle era o dia seis de janeiro.

— Izabel de Castella, a Alhambra é conquistada!
Não vos menti, senhôra, e o voto meu cumpri.
Agora vós, rainha. A promessa é sagrada.
Lindaraxa aqui está: minha esposa eil a aqui.»

— Como é formosa! — disse Izabel, contemplando
o vulto esculptural da juvenil christã —
Cumprirei a promessa. Ao templo, rei Fernando.
Marquêzes de Gueltar, a boda é amanhã.»

Entretanto, no extrêmo serro do Padul, soltando largo suspiro, e trovejando altisônantes pragas e maldições, desenhava-se o perfil indignado de um cavalleiro mouro.

Era Boabdil, o ultimo abencerragem!
Ashavero, encetando o eterno caminhar!
Era o traido amante, era a sombria imagem
De um povo, que passou, para não mais voltar!

Soberbo e ao mêsmo tempo delicioso!

Pôis não é?

Bôa razão tinha o mallogrado Pereira da Cunha, quando nos escrevia que a construção do seu poêma fôra cimentada com amôr!

VII

Um distincto publicista, correligionário e amigo

seu,[1] escreveu já numa das páginas desta revista que D. Cesar de Padilla, o ardente e apaixonado anadel, única personagem fabulosa do poêma, era o proprio poeta.

Este dizêr é uma nota afirmativa de excellente observação psicológica.

Sim, é a verdade.

Pereira da Cunha, mergulhando-se inteiro na história do passado, num periodo de extremada fé, em que da religião, da espada e do amôr se formavam heroes e epopêas, encarnou-se no anadel hespanhol, com as tendencias da sua alma, com o seu culto e respeito pelas tradições fidalgas, com a ardencia fulgurante do seu coração de poeta... poeta.

Como muita gente, que não crê nos apregoados sentimentos niveladôres da actualidade, o nobre artista, alcione branquejante de immaculados vôos, refugiou-se no passado, pàra não ouvir os guinchos da mascarada social, entre que era obrigado a vivêr.

E morrêu no vigôr da existencia, quando os filhos, tão necessitados ainda do seu agasalho, lhe chilreavam em tôrno, e quando a robustêz do seu talento começava a expandir-se, a bracejar frondosamente, pàra glória sua e dos seus conterrâneos.

Brutalidades do destino, como esta, fazem-n'os crente de que no estreito âmbito de uma sepultura não findam os destinos do homem, seja qual fôr o átomo, em que êlles se reproduzam.

Em verdade, apraz nos pensar, como os espiritualistas, em que a vida presente é apênas a transição pàra um mundo melhor.

Agrada-nos, consola-nos até o julgar, quando contemplâmos o céu estrellado, que os milhóes de luzeiros alumiadôres do nosso scismar são os espiritos fulgurantes dos inteligentes, que fôram bons.

Pereira da Cunha, que não conheceu os gabos públicos, que fêz imprimir os seus poemas em pobres edições n'uma tipografia provinciâna, que não conseguiu divulgal-os, que não ouviu o eco do seu nome na tuba tantas vêzes mentirosa da fama, não morreu comtudo.

Um bom livro é superiôr á vida de um homem, apraz-nos crêl-o, e repetil-o.

Como escritôr vernáculo, sobrenadando á tona da enxurrada gongórica e estrangeirada, em que se baralham as letras hodiernas; como literato discordante dessa ignara geringonça; e como poeta de bom cunho e de pujante memória, ha-de perdurar nos cantos luminosos., inspirados e finamente poéticos da *Cidade Vermelha*.

E' monumento, que a indiferença bestial das turbas não derruirá, e que basta por si só pàra a glória de um homem.

Sanches de Frias.

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

(Continuado do numero anterior)

XX

O Frederico philosopho

O Frederico estava realmente de bom humor; quando foi reunir-se aos dois velhos e á Amalia, e perguntou pela sr.ª Tranquilina, que andava com o dr. Roque passando revista á paisagem, notou que o miravam, attentos, quatro olhos, entre risonhos e assustados, e não poude conter-se que, para os consolar, lhes não dissesse:

—Leio-lhes no pensamento: sei o que vieram cá fazer.

—Devéras?—perguntou o Joaquim, dirigindo um olhar á Amalia, que contemplava, pensativa, uma florinha que na estufa começava a abrir.

—Devéras: tu, porque te devo cinco mil francos e tu, Rómulo, porque te devo dez mil; mas não se assustem, pagarei até o ultimo centesimo.

—Pois pensas?—protestou o Rómulo.

—Ora se penso—Não digo que vocês não mereçam uma lição, para aprenderem que não se empresta dinheiro a um amigo sem lhe exigir hypotheca sobre os bens; mas cairam em boas mãos; façam de conta que está feita a hypotheca e escripta em letra gôrda, porque desejo remil-a ao mesmo tempo que as outras.

—Mas eu... aventou o Joaquim.

—Tu deves saber que o Frederico não está disposto a viver do suór alheio.

—Eu não nunca suei!—asseverou o Rómulo.

—Nem eu tão pouco.

—Não importa; o dinheiro representa trabalho. A certos democratas que vivem e triumpham a crédito e tem sempre na bôcca a palavra egualdade, quizera eu dizer-lhes que são uns tyrannos, porque a verdade é que cada divida equivale a uma quantidade de trabalho não remunerada.

Ao expor tão graves theorias, o Frederico ria e observava a Amalia, que não tirava os olhos de cima da florinha.

—Posso fallar agora?—disse o Joaquim—Ora muito bem. Antes de tudo ponhamo-nos em regra; tu pediste emprestados ao Romulo dêz mil francos e a mim apenas cinco mil; pede-me outros cinco mil e depois fallaremos.

—O que está a ver com tanta attenção n'essa flor?—perguntou Frederico á Amalia.

—Esta flor parece ser uma fuchsia—respondeu a joven, com o embaraço inherente a todo aquelle a quem veem distrahir de um pensamento que o não larga nunca.—Colhi-a na estufa; veja como é bonita e perfeita!

—É verdade—disse o Frederico inclinando-se para observar a flor—isto são os estames, isto mais comprido o pistillo, isto por baixo da coróla, o ovario.

—Estás enganado—emendou o Joaquim e a menina tambem; isto nunca foi pistillo mas sim uma perna com meia côr de rosa; isto não é coróla, são as saias de tarlatana branca; e isto o busto e a cabecinha: é uma primeira bailarina de *genero francez*, que vae fazer uma pirueta.

E para melhor accentuar a semelhança, adiantou a mão, e collocou-a a servir de palco scénico debaixo do pistillo da flôr, a qual, vista d'esse modo, parecia com effeito a caricatura de uma bailarina com as pernas muito compridas e a calça de meia demasiado vermelha.

Por tão pouca coisa soltou o Frederico immensa gargalhada; é verdade que a houvera soltado por muito menos.

—Estou a rir—atalhou logo—mas tirem isso da cabeça, não estou doido; rio-me porque estou contente comigo mesmo; encontrei uma optima definição da sciencia.

—Da sciencia?

—Vamos a ouvir.

—A sciencia é o eterno brinquedo da eterna creança.

—Preciosa!—exclamou o Romulo.

—Deve ser magnifica pois é muito obscura; a primeira condição de uma definição perfeita é a obscuridade.

Applicou o Frederico a luz da analyse á sua definição, que ao depois ficou deslumbrante.

Distrahida por instantes dos proprios pensamentos, volveu a elles a Amalia emquanto o mancebo fallava e ria, e deixou de seguir a conversação.

—Em que pensa, minha senhora?

—Ahi vem a mamã—replicou a menina com singular vivacidade;—vamos ter com ella.

E afastou-se, correndo. Frederico, que tencionava offerecer-lhe o braço, achou-se entre os dois velhos, os quaes, de commum accordo e quasi unisonos, sentenciaram «que áquella pequena era um anjo e aquella pequena um vivo demonio.»

—Com que então?—perguntou alegremente o Frederico.

—O que?

—Nada; quero dizer: sim, fiquem vocês sabendo que não tenho a minima tenção de matarme; os que se áborrecem matam-se para fazer alguma coisa de novo, e matam-se aquelles que depois de terem tido um formoso sonho se vêem obrigados a despertar. Até hoje ainda não tive sonhos; aborrecia-me, mas já não me aborreço.

—Como tencionas viver?

—Vae perguntar á menina Amalia—respondeu o Frederico, que se dirigia já para o dr. Roque e respectiva familia;—apanhando pedras vermelhas e rôxas, cultivando flôres, criando bichos de sêda e praticando excavações para desenterrar o meu thesouro escondido.

—Pois ainda pensa no thesouro?—perguntou a Amalia.

—Mais do que nunca—respondeu o Frederico;—vou mandar principiar os trabalhos na quarta cóva depois de jantar; ficar-lhe-hei grato se se dignar assistir ao primeiro golpe da enxada; trazer-me-ha sorte propicia.

Joaquim e Rómulo, assim que ouviram estas palavras, fitaram-se mutuamente como dois augures, mas sem se rirem, pois acreditavam firmemente que aquillo que elles imaginavam era coisa decidida.

O jantar! Até que emfim se fallava em coisa de algum interesse para o dr. Roque, a quem o passeio matutino e o bom caminho que iam tomando os negocios haviam aberto extraordinariamente o apetite.

Afim de confortar o unico orgão são do doutor e mostrar boa cara ao ruim tempo, o Frederico conduziu os hospedes a dar uma volta pela sua habitação, e foi-lhes mostrar os quartos que a cada um havia destinado.

Sem parecer que se houvesse occupado de coisa alguma, aquelle amalucado estoura vergas tinha previnido tudo.

—Não nos vamos embora logo á tarde?—perguntou a Amalia.

—Não, minha senhora—respondeu o Frederico;—ficam cá esta noite, pois não é verdade, doutor?

—E o doutor Roque, que estava morrendo por isso, resignou-se.

O jantar não teve por unico tempêro o bom humor, conforme annunciára o dôno da casa, antes foi verdadeiro banquete *luculiano*, ao qual concorreram os guizados todos do mundo não civilisado. Como é que o Frederico teve tempo para pensar em tudo e para fazer a barba ainda por cima? Por que se o modo de o conseguir era mysterio para os dois velhos, não podia, porém, haver duvida ácerca dos resultados; o Frederico apresentava, ainda ha pouco, uma barba de tres dias, pelo menos, e estava agora barbeado na perfeição.

Á meza, quem fez mais despeza em bom humor foi o amphytrião; estava em extremo communicativo e n'elle se notava necessidade irresistivel de fallar de si proprio, mesmo quando fosse para dizer mal, para se maltractar pondo-se pelas ruas da amargura...

Astuto que nem um diplomata, conseguio invariavelmente encaminhar em direcção á sua pessoa a conversa, que divagava por aqui e por acolá.

Uma das vezes logrou que lhe perguntassem se devéras acreditava que ia descobrir o thesouro escondido, e, com estranho socego, replicou:

—Um thesouro escondido?—Qual de nós é que o não tem; eu, afinal, puz a mão sobre o meu. Lembram-se?—Andava mais aborrecido que um tôlo e mais descontente de mim proprio do que um philosopho; faltava-me alguma coisa, não sabia o quê; agora já sei, faltava-me o meu eu.

—É possivel?—atalhou o Joaquim

—Entrei no mundo com um empurrão não sei de quem; encontrei a estupidez de luvas, o ocio occupado no vicio e na orgia, e lá no fundo de tudo o esquecimento; fiz o mesmo que as demais vezes, parava e perguntava a mim proprio: «que mais *quero?*» e não queria nada, por que não sabia coisa nenhuma. Agora que abri os olhos, compreendo emfim que *emquanto eu fumava o bom charuto* «(*a vida!...*» pensou a Amalia, a quem ia, sem duvida, dirigida a allusão) presáva o trabalho *sem que o soubesse*; que, emquanto ia atravessando este mundo inutil para mim e para os outros, injusto motejador e scéptico, gostava de fazer bem, amava a justiça e... amava o amor.

—E sempre *sem o saber?*—perguntou o doutor Roque; com a bôcca cheia.

—Sempre. Por ultimo quebrou o Banco de... já era tempo: se o Banco não québra, quebrava eu. Achei-me a mim proprio; e estou contente.

Quatro olhares viéram fitar-se sobre a Amalia, a qual, tomando, em parte, o exemplo do pae, não erguia os olhos de cima do prato, se bem que comesse bocadinhos verdadeiramente minusculos, comparados com os do doutor Roque.

—Lancêmos a vista em redor!—exclamou o Frederico exaltando-se: Quanto oiro escondido! Por baixo de cada vicio que se pavoneia existe lá no fundo uma virtude, por baixo de cada fraqueza uma força. Se possivel fosse calcular os thesouros intellectuaes e moraes que escapam, sem que o mundo dê por elles, averiguar-se-hia que os homens, podendo ser uns Crésos, preferiram ficar uns pobretões.

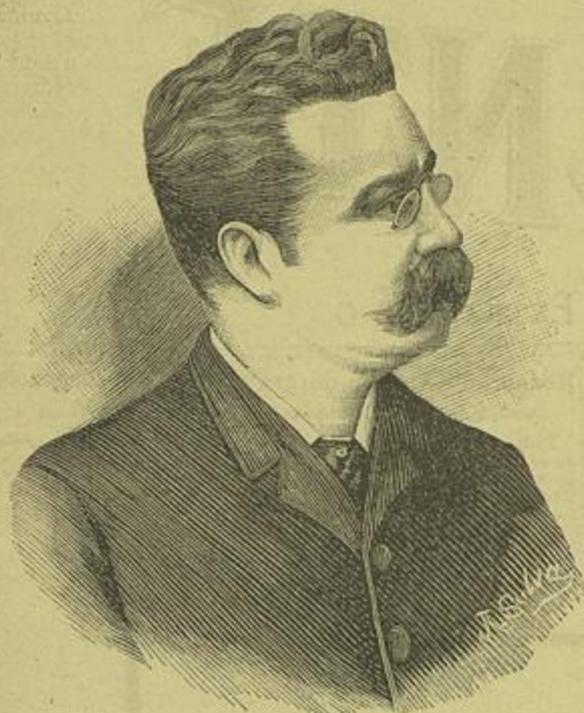
—Quando, referindo-nos a um malvado, dizemos que, *lá no fundo*, é boa pessoa—observou o Joaquim—pômos os olhos, sem dar por isso no seu oiro escondido. E, como quanto mais o thesouro se esconde, mais precioso deve ser, não iremos muito longe da verdade, se affirmarmos que é nos presidios que se encontra oiro de primeira qualidade.

Todos riram, inclusive o Frederico, o qual, não obstante, proseguiu:

—Ousarás negar que a civilisação actual é melhor que a da edade-média, do que a romana, a grega e a egypcia, tão preconizadas.

O Joaquim, sabemo-l'o de sobejo, jámais negava fosse o que fosse.

---

[1] O sr. Manuel Barradas, recentemente fallecido.

DR. LEÃO D'OLIVEIRA

Fallecido em 29 de junho de 1898

— E sem embargo — proseguiu enthusiasmado o arguente — os homens são e hão-de ser sempre os mesmos. O que é pois a civilisação mais do que um trabalho de excavação, mediante o qual se traz a lume maior quantidade d'esse oiro intellectual e moral que constitue o fundo da humana natureza?

— Chegará o dia — commentou o Joaquim — em que o oiro escondido estará todo cunhado, com a quinta parte de liga necessária para as coisas d'este mundo; e os homens serão as moedas, todas com o mesma peso e valor; e será essa a era da perfeita egualdade por que tanto suspiram os philosophos.

— Não sei — respondeu o Frederico — mas se hoje os homens todos quantos existem sobre a terra se puzessem de accôrdo; os ociosos para trabalhar, os frivolos para reflectir, os ignorantes para estudar, os viciosos para se emendarem, não é verdade que estas novas forças, aportando á sociedade, fal-a-hiam realisar, dentro de pouco tempo, uma viagem de mil annos? Nega-o se pódes?

Estas palavras eram mais um artificio de rhétorica, porque o Frederico estava farto de saber que o seu amigo jámais negava fosse o que fosse.

— Não posso — retorquiu o Joaquim com desalento comico.

Girou a conversação um pedaço em redor d'este assumpto; dado o thema abstracto, expoz o Joaquim algumas variantes, até que, á sobremeza, o Frederico entrou pelos concretos.

Era fóra de duvida, por exemplo, que o Romulo, que chegára á edade de um carvalho, sendo, qual era, ouco e fragil caniço, tinha em si os elementos todos de um sacerdote, isto é, a serenidade de uma cathedral com a indulgencia plena suspensa em fórma de sorriso ao portico de entrada, um altar mór dentro do peito e um perfume de insenso e myrrha na algibeira.

— E eu? — perguntou o Joaquim.

Mas depois de ter feito rir os comensaes disparatando jovialmente na applicação da sua theoria, quiz o Frederico salval-a e deu a entender que fallava por brincadeira.

— O Romulo — proseguiu elle — é um patriarca que se equivocou, esse homem tão comprido e tão solteiro é o espectro inexoravel de um marido, de um pae, de um avô; voltou as costas á propria esposa, repudiou os filhos, exterminou os netos; olhar para elle, dir-se-hia, vendo-o, como n'este instante, amachucar uma amendoa entre os dedos, que é o homem mais pacifico d'este mundo... pois bem, não é tal, é um homem amachucado pelo remorso. Observae-o, não ha ninguem com braços tão compridos como os d'elle para estreitar no mesmo abraço toda uma tribu, e ficou sósinho, amaldiçoado por todas as gerações que impediu de nascer.

— E eu? e eu? — perguntou o Joaquim, offérecendo-se aos tiros, qual alvo impaciente.

O Frederico, porém, não fez caso d'elle, e em seu lugar, tomou por ponto de mira «a joven mais bonita de todo o universo», que do outro extremo da mesa lhe sorria.

— Console-se, minha senhora; tem tempo ainda para encontrar o seu oiro escondido; querendo ser justa, é tão severa, podendo fazer-se indulgente, pois a indulgencia está mais proxima da justiça... deu d'isto uma prova perdoando a um homem sobre o qual pesava a desdita de lhe ser antipathico, e offerecendo-lhe o dom precioso da sua amisade.

Estava a Amalia a cem leguas de imaginar o que ia succeder... quando, porém, viu o mancebo levantar-se do seu lugar e dirigir-se para ella, comprehendeu e fez-se muito corada.

— Senhora Tranquilina, dr. Roque — proferiu o Frederico com certo enleio — queiram ordenar a sua filha Amalia que me pague immediatamente a primeira prestação da minha divida.

— Bravo! — gritou o Romulo.

— Bravo! — gritou o Joaquim.

O papá e a mamã riam com gosto.

— Eis aqui o documento, e está em regra — acrescentou o Frederico apresentando um dos *vales*...

Nem uma voz se levantou para se oppôr áquelle gracejo.

A Amalia sentiu na mente, no coração, no sangue, enorme tumulto; pareceu-lhe, depois, que em volta d'ella ficava tudo involto em profundo silencio; viu, ou pareceu-lhe ver, o rosto descorado e triste de um mancebo, junto ao proprio rosto; sentiu o tepido alento de uma bôcca, e por ultimo qualquer coisa mais ardente sobre os labios... Os applausos vieram despertal-a d'aquelle sonho a olhos abertos.

E ali estava o Frederico, pallido, a sorrir; os demais, riam.

Quiz ella rir-se tambem; esfregou os labios com o guardanapo para apagar o signal, recebeu das mãos do pae o *vale* e, com modo grave, rasgou-o em mil diminutissimos bocados, tudo isto para apparentar placidez; quando, porém, quiz tentar a ultima prova e desafiar, audaz, um olhar cuja fixidez sentia «Oh! meu Deus! elle ama-me!» pensou sobresaltada; e para não ter de baixar aquelles soberbissimos olhos lançou se ao pescoço da mãe.

(Continúa.)

Pin-Sél.

NECROLOGIA

DR. LEÃO DE OLIVEIRA

Sentidissima foi a morte d'esse homem excellente, medico illustradissimo, que, filho de uns pobres negociantes de Cezimbra, conseguiu, á força de trabalho intelligente, um nome glorioso e por todos bemquisto.

Muito novo ainda, mal obteve na Escola Medica de Lisboa o diploma que lhe permittia exercer a clinica, estabeleceu o seu consultorio na rua dos Fanqueiros, onde grangeou pela sua intelligencia e trato fidalgo, a estima de quantos o conheceram.

Foi-lhe a sorte propicia, como lh'o havia sido a natureza, que com raros dotes o dotára.

Era casado com a sr.ª D. Maria das Dôres Rego, senhora de avultadissima fortuna.

Pertencia ao partido republicano e fôra um dos fundadores do *Seculo*, cuja propriedade deixára ha quatro annos.

Muito estimado por todos os collegas e correligionarios, pelos excellentes dotes de seu espirito e coração, Leão de Oliveira deixou profundas saudades em quantos o conheceram.

Recebemos e agradecemos:

La Presse Internationale — *Revue bi-mensuelle illustrée — Paris — Boulevard Malesherbes — 112.*

Com a maxima regularidade temos recebido a agradavel visita d'esta nova publicação franceza, já tão apreciada entre nós pela sympathia que dedica ás coisas portuguezas.

São seus directores: o redactor em chefe mr. Maxime Serpeille e Maurice Feuillet, director artistico.

A este periodico cabem os maiores louvores pela decidida propaganda que tem feito a favor da realisação do proximo congresso dos jornalistas em Lisboa, no mez de setembro futuro, causa cuja defeza a muito nos obriga para com o seu illustre director.

Real Gymnasio Club Portuguez. — *Lisboa — 1898.*

O presente folheto contem o relatorio da direcção respectivo á gerencia de 1897 e o parecer da commissão revisora de contas. É um documento muito lucido e que mostra claramente a situação da distincta sociedade.

Para as creanças — *por D. Anna Osorio de Castro.*

Está já na sua terceira serie esta encantadora collecção de contos dedicados ás creanças pela talentosa auctora sr.ª D. Anna Osorio de Castro.

Tambem temos presente o seu novo livro *Infelizes*, do qual nos occuparemos mais de espaço.

Boletim *da Sociedade de Geographia de Lisboa. — 16 série, Imprensa Nacional. — 1897. N.os 4 a 6, 7 e 8.*

N'estes tres fasciculos do apreciado boletim da conceituada aggremiação veem insertos os seguintes trabalhos: *O premio da descoberta* monographia de Luciano Cordeiro, *Bibliographia, La Société de Geographie de Lisbonne (son nouveau siège — palais du centenaire), Dom Antonio, prior do Crato,* notas de bibliographia por Joaquim de Araujo, *Sur l'aire des polygones* por Antonio Cabreira.

O numero 8 do boletim insere a lista dos socios ordinarios, fundadores e honorarios da Sociedade, em 31 de dezembro de 1897.

Iride — *Rivista d'Arte — Genova, Aprile e Maggio 1898 — Direttore Avv. G. Conrado — (Spezia). Anno II — N.os 24 a 26.*

Na Italia estão-se publicando agora revistas interessantissimas, e de alguns d'esses periodicos temos recebido com prazer a gentileza da sua visita. A *Iride* é porventura uma das melhor redigidas, pois trata os assumptos astisticos e litterarios com egual proficiencia e subido criterio, sendo devéras valiosos os seus artigos musicaes e bibliographicos.

Esperia — *Rivista d'Arte — Anno III — Caserta — 1898.*

Mais uma elegante revista italiana que nos visita. E' seu director P. de Franciscis (*Clasisofo*) distincto litterato muito affecto a assumptos peninsulares, e que conta com a collaboração de crescido numero de escriptores seus nacionaes e estrangeiros.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas côres, 200 réis.

Á venda em todas as livrarias e na *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

VISTA GERAL

DA

FEIRA FRANCA

NA

AVENIDA DA LIBERDADE

1 Estampa a côres medindo 60 centimetros de largo por 45 centimetros de alto, propria para emmoldurar

500 RÉIS

Pedidos á *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo.

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39